



## ISLÃO AO ESPELHO

*Hans Küng analisa as várias imagens da religião de Maomé numa pequena enciclopédia de 800 páginas.*

Um dos objectivos da reflexão teológica do suíço-alemão Hans Küng (n. 1928) funda-se na procura de uma política de moderação na abordagem das «religiões do livro» que projecta um efectivo ecumenismo. Este não pode traduzir apenas um processo de abertura e colaboração inter-religiosa, devendo ir mais longe, até à real aproximação

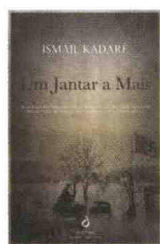


©Pedro Loureiro

mento e a criação de uma atmosfera favorável a mais guerras, suscitando equívocos e exacerbando diferenças. Neste contexto, o desenvolvimento de processos de compreensão e de laços de entendimento parece-lhe imprescindível para evitar uma luta de culturas, ou um «choque de civilizações», como cenário inevitável.

Procura assim produzir «uma síntese de dimensões simultaneamente históricas e sistemáticas» visando obter uma perspectiva multidimensional do islão. Fã-lo em mais de 800 páginas que constituem uma espécie de enciclopédia do islão e das relações entre cristãos e muçulmanos no passado e no presente. Partindo de uma abordagem detalhada da construção histórica da *imagem hostil* e da *imagem ideal* da religião de Maomé, analisa aquela que considera ser a sua *imagem real*, para, finalmente, lançar um olhar sobre uma *imagem da esperança* capaz de combater a hostilidade que com preocupação evoca no início. Pelo meio vai detectando todas as referências e sinais que indiciem a existência de um «Islão crítico», transigente, capaz de renovar o seu próprio universo a partir de dentro e, também ele, de estender a mão às outras religiões. É este o islão que considera «verdadeiro», contra o outro, «desfigurado, falseado e profanado» tanto pelos seus detractores como por muitos dos seus prosélitos. O paradoxo da obra reside no facto de Küng procurar essa *imagem de esperança* privilegiando menos a construção da identidade muçulmana do que a procura de uma noção de abertura e de respeito pelo outro que lhe não é forçosamente imanente. Mas é também nesta dimensão contraditória que reside o interesse deste livro entusiasta, dialogante, e com o qual se aprende a cada página.

das várias formas de fé e à integração do próprio mundo secular. É esse o propósito prosseguido na trilogia que compôs sobre o judaísmo (1991), o cristianismo (1994) e o islamismo (2004). Küng escreve com uma agenda omnipresente – «não estou primariamente interessado no passado, mas sim no presente» – que determina todo o trabalho de pesquisa, interpretação e análise. Em *Islão. Passado, Presente e Futuro* (Edições 70, trad. Lino Marques) tal objectivo surge até reforçado, dada a crescente importância da religião corânica na construção quotidiana da contemporaneidade. O teólogo refere o modo como, no mundo ocidental, logo após o fim da Guerra Fria, se procurou substituir a imagem do comunismo pela do islamismo como imagem do inimigo, justificando uma corrida ao arma-



**Um Jantar a mais (Quetzal)** é o mais recente romance do albanês Ismail Kadaré, Prémio Príncipe das Astúrias das Letras 2009. Tradução de Ana Cristina Leonardo.